

A comunicação em busca de seu lugar

Júlio César Degl' Iesposti

Em *Comunicação: saber, arte ou ciência?*, os que se interessam pelos estudos desse campo, incluindo alunos, professores e pesquisadores, podem encontrar um debate aprofundado sobre essa área do conhecimento. Trata-se de uma série de artigos em que os autores discutem a comunicação sob diferentes perspectivas conceituais. A comunicação seria uma ciência, um conjunto de teorias que pouco dialogam entre si ou uma área interdisciplinar, sem um objeto específico? Várias dessas questões podem ser respondidas ao longo desse trabalho.

Resultado de um seminário realizado pelo grupo de pesquisa “Comunicação, Recepção e Identidade”, do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, em agosto de 2007 – o ano das comemorações dos 60 anos da faculdade –, o livro expõe as várias tendências da comunicação desde os anos 1920, quando ensaia ainda um namoro com a ciência, passando pela “pesquisa administrativa” (de cunho positivista, voltada para os interesses de empresas e governos) e a chamada “teoria crítica” (com viés ideológico e tendência marxista), nos anos 1940 e 1950, até os dias atuais. Mas com a ressalva de que muitas dessas teorias são apropriadas por outras ciências.

A primeira parte da obra se divide em quatro capítulos e dois blocos de debates. Em “O campo das comunicações e suas teorias”, o professor Luiz C. Martino (UnB) posiciona o problema da área de conhecimento dessa ciência a partir de uma fundamentação teórico-metodológica, definindo o uso de “campo comunicacional” não pela herança “interdisciplinar” e sua vinculação com a área profissional ou outras ciências, mas como um processo de relações entre teorias

**Comunicação: saber,
arte ou ciência?
questões de teoria
e epistemologia**

Dimas A. Künsch e
Laan Mendes de Barros
(Orgs.)

São Paulo: Plêiade,
2008, 199p.



específicas de modo a permitir o estudo de seu objeto de pesquisa com autonomia.

O texto critica tanto o ceticismo dos anos 1970, de que não há teorias da comunicação – o que, de certa maneira, até hoje perdura –, quanto a euforia que as situa dentro de um saber epistemológico capaz de abarcar outros campos de conhecimento. Ele embasa seus argumentos em uma pesquisa realizada em vários países, sobre o que os livros consideram teoria da comunicação. Apenas na Espanha, são 72 teorias, em nove livros. Mas, como afirma o autor, a conclusão “é de que ninguém concorda quais são, de fato, as teorias da comunicação”. Continua ele:

Fala-se que é teoria da comunicação, simplesmente, mas não se diz *por que e como*, ou que critérios fazem com que uma teoria possa ser chamada de teoria da comunicação. Por exemplo, por que a teoria crítica ou Escola de Frankfurt é uma teoria da comunicação? Se vocês abrirem um dicionário, uma enciclopédia, e buscarem Adorno e Horkheimer, vocês vão ler que foram filósofos (p.27).

Em um segundo texto, “O saber epistemológico sobre a comunicação”, Martino propõe situar o exame da linguagem da ciência no quadro das epistemologias contemporâneas. E sugere delimitar o objeto de estudo da comunicação por meio de um plano “meta”. “Em que condições se poderia apontar uma pesquisa como sendo de comunicação? Será que meu trabalho faz parte desse campo? E qual o seu valor para a pesquisa?” O autor defende um certo recuo ou distância da atividade para que se possa exercer a crítica epistemológica. Isso, segundo ele, nos permite mais do que simplesmente fazer. Permite-nos saber o que estamos fazendo.

Os textos levam o leitor a perceber que nenhum dos campos abordados (interdisciplinar, histórico, conceitual, sociológico) faz um recorte preciso ou que se possa criar uma hierarquia entre as abordagens dos estudos da comunicação. Martino defende como matéria de investigação dessa ciência a atividade simbólica gerada pelos meios de comunicação e seu objeto de estudo, a atualidade. Como ele afirma, a própria televisão, que tende a incorporar cada vez mais recursos digitais, é um exemplo desse processo de produção simbólica que se está procurando desvendar.

O interessante nesse trabalho é que os textos de Martino, com as intervenções das professoras Lucrécia Ferrara (PUC-SP) e Cremilda Medina (USP), como também de alunos e professores da Cásper Líbero e outras instituições presentes no seminário, produzem um tensionamento constante entre a comunicação como um saber autônomo e interdisciplinar, abrindo questionamentos nessa área.

Para Lucrécia, não é possível definir a comunicação como um conjunto de teorias que mobilizam um saber constituído. A autora prefere observar diferentes abordagens para cada manifestação. Segundo ela, cada manifestação de um objeto comunicativo “postula um outro modo de ser da comunicação”. E acrescenta: “Não falo em relação comunicati-

va, e, sim, em relação vinculativa/interativa”. A autora pensa que, através dessa vinculação, podem-se perceber os processos de mediações, de trocas, sem os quais não há comunicação.

Em “Epistemologia, práticas e saberes plurais”, Medina traz a experiência que desenvolve na USP, de práticas de laboratório, captando as vozes dos diversos atores da cidade de São Paulo. O material gerou uma coleção de livros. Diz ela, num trecho de sua exposição: “É o diálogo social que efetivamente caracteriza a nossa massa crítica de pesquisa, de teoria e, sobretudo, de transformações na prática da comunicação social”. A autora reconhece a necessidade de uma dialogia entre ciência e saberes humanos do cotidiano, a arte e a transcendência, e que esses saberes não são passíveis de uma hierarquia.

A publicação traz, na segunda parte, três capítulos com textos introdutórios de novos grupos de pesquisa, elaborados por seus coordenadores – grupos esses que foram desmembrados do grupo que originou o seminário. Laan Mendes de Barros, em “Cultura das mídias e mediações culturais”, desloca o foco epistemológico dos estudos da comunicação para o das recepções e meios culturais. Em “Comunicação e cultura do ouvir”, José Eugenio de O. Menezes pensa a comunicação como um sistema de vínculos que “possibilita a organização da cultura como macro-sistema comunicativo”. Dimas A. Künsch introduz, em “Teoria compreensiva da comunicação”, uma forma de conhecer o mundo e a natureza pela dimensão heterogênea, no sentido de juntar as partes, unir os contrários, opondo-se à ditadura da razão, a uma lógica universal. Longe de se esgotar, o debate promete criar novos focos sobre o assunto e atrair maior número de pesquisadores nessa área.

Júlio César Degl' Iesposti é jornalista e mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero.